
LINHA DA VIDA: APLICAÇÃO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DE CASAL E FAMÍLIA

LIFE LINE: APPLICATION IN COUPLE AND FAMILY PSYCHOANALYTIC CLINIC

Henry Derwood Mills¹
Ian Bandeira de Oliveira²
Maíra Bonafé Sei³

RESUMO

Este artigo examina o uso da “Linha da Vida” como recurso artístico-expressivo durante as entrevistas iniciais na clínica psicanalítica de casal e família, com foco em explorar as complexidades das relações e os conteúdos inconscientes que emergem nesse primeiro momento do tratamento. As entrevistas iniciais, estruturadas para captar a dinâmica familiar e as demandas individuais e coletivas, visam construir uma compreensão preliminar dos vínculos e estabelecer as condições para o processo terapêutico efetivamente. Nesse sentido, o presente trabalho, ancorado na experiência prática de um projeto de extensão universitária, apresenta uma vinheta clínica que demonstra como a Linha da Vida permite representar eventos significativos na trajetória de cada familiar, destacando percepções distintas sobre vivências comuns e evidenciando conflitos e alianças familiares. Nota-se que tal técnica se mostra eficaz para favorecer a expressão de afetos e memórias, possibilitando ao terapeuta observar o funcionamento psíquico grupal com maior profundidade. A Linha da Vida, portanto, facilita a construção de narrativas compartilhadas, criando um espaço para associações livres que revelam nuances das relações familiares. Desse modo, conclui-se que o uso da Linha da Vida pode enriquecer o trabalho psicanalítico, ampliando a compreensão dos vínculos e promovendo um ambiente propício à construção de sentidos coletivos e ao aprofundamento da técnica no atendimento com casais e famílias.

Palavras-chave: psicanálise de casal e família; entrevistas iniciais; recurso artístico-expressivo; linha da vida.

ABSTRACT

This article examines the use of the “Life Line” as an artistic-expressive tool during initial interviews in couples and families psychoanalytic clinic, focusing on exploring the complexities of relationships and the unconscious content that emerges in this first stage of

¹ Psicólogo, graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). henry.derwood.mills@uel.br

² Psicólogo, especialista em Clínica Psicanalítica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mestrando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI-UEL). ian.bandeira.oliveira@uel.br.

³ Psicóloga, pós-doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP, professora associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina, orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI-UEL). mairabonafe@uel.br.

treatment. Initial interviews, structured to capture family dynamics and individual and collective demands, aim to build a preliminary understanding of relationships and establish the conditions for an effective therapeutic process. In this regard, the present work, grounded in the practical experience of a university extension project, presents a clinical vignette demonstrating how the Life Line allows for the representation of significant events in each family member's trajectory, highlighting distinct perceptions of common experiences and bringing family conflicts and alliances to light. This technique proves effective in encouraging the expression of emotions and memories, enabling the therapist to observe group psychic functioning in greater depth. The Life Line, therefore, facilitates the construction of shared narratives, creating space for free associations that reveal nuances in family relationships. Thus, it is concluded that the use of the Life Line can enrich psychoanalytic work, expanding the understanding of relationships and promoting an environment conducive to the construction of collective meanings and the deepening of technique in couple and family therapy.

Keywords: couple and family psychoanalysis; initial interviews; artistic-expressive tool; life line.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise desde o princípio se volta ao tema da família, como estrutura que promove o desenvolvimento psicosssexual infantil, mas que também é terreno para a gênese de sintomas. Contudo, a Psicanálise de Casal e Família surge como modalidade clínica no pós Segunda Guerra Mundial, atribuindo foco não apenas ao sofrimento individual, mas também às questões vinculares (Blay-Lesvisky, 2021). Assim, atenta-se àquilo que se produz no encontro entre dois ou mais sujeitos, pertencentes a um grupo (casal ou a família) constituído por alianças que antecedem o atendimento.

Tal cenário difere de outras modalidades de intervenções clínicas grupais, cujos indivíduos podem estabelecer laços após o início das sessões. Essa diferença impõe desafios, como a presença de diferentes formas de comunicação próprias dos membros da família e uma bagagem de histórias mal elaboradas que atravessam gerações, fatores que colocam o terapeuta como um terceiro estranho a um grupo que possui um funcionamento psíquico pré-determinado (Dias, 2021). Para mais além, entende-se ser um grupo que constantemente convida ao terapeuta inconscientemente a identificar um de seus membros como a fonte do problema, usualmente intitulado de “paciente identificado” (Sei, 2021a), dificultando uma intervenção terapêutica que abarque o vínculo como um todo e não só um determinado familiar.

Para dar conta dessa proposta, vem se construindo um campo teórico específico ao atendimento vincular, nomeado por algumas escolas de Psicanálise das Configurações Vinculares ou Psicanálise Vincular. Autores como Alberto Eiguer, Miguel Alejo Spivacow,

Isidoro Berenstein, Janine Puget, René Kaës, Pierre Benghozi, dentre outros, figuram como grandes nomes na construção de teoria que abarque o que ainda é tido como novidade no meio psicanalítico. No meio universitário brasileiro, desenvolve-se pesquisa e formação no tema desde 1973 (Ramos, 2022), e desde 2012 desenvolve-se a clínica psicanalítica de casais e famílias na Universidade Estadual de Londrina por meio de projetos de extensão.

Tem-se como proposta destes projetos somar a teoria dos autores supracitados com as contribuições de Donald Woods Winnicott e da Arteterapia, o que abrange principalmente o uso de recursos artístico-expressivos. Tais recursos funcionam como técnicas mediadoras, instrumentos que, segundo Dominicis (2019), ampliam a investigação e transformação de conteúdo pré e inconsciente, com o objetivo de facilitar o aparecimento das associações, criar um movimento grupal e desenvolver a atividade fantasmática. Contudo, há uma diferença em como se utilizam esses recursos na atual versão do projeto de extensão: têm-se experimentado seu uso como parte das entrevistas iniciais (Ramos, 2006), realizadas, então, por meio de sessões estruturadas que precedem um momento de maior associação livre característico do processo terapêutico.

Objetiva-se uma espécie de psicodiagnóstico interventivo psicanalítico (Carnauba; Sei, 2024) ou de avaliação familiar (Machado; Féres-Carneiro; Magalhães, 2011), e para tanto, opta-se pelo uso de uma sequência de atividades, quais sejam: entrevista inicial; Linha da Vida, focalizando acontecimentos individuais dos familiares; Genograma (Franco; Sei, 2015), por meio do qual centra-se o olhar nos vínculos geracionais; por fim, o Espaçograma (Sanches; Sei, 2020), para se visualizar o espaço habitado e refletir sobre as dinâmicas estabelecidas. Podem ser utilizadas propostas adicionais como o Arte-Diagnóstico Familiar (ADF) (Machado; Féres-Carneiro; Magalhães, 2008), Desenho de Família com Estórias (Trinca, 2020), Desenho-Estória com Tema (Trinca, 2020), ou pode-se realizar apenas um encontro no qual se aponta para os elementos percebidos acerca da dinâmica conjugal ou familiar ao longo dos encontros.

Tendo em vista tal panorama e face à escassez de literatura acerca da temática, almeja-se apresentar o recurso artístico-expressivo intitulado Linha da Vida. Compreende-se que ela se apresenta como uma atividade mediadora para utilização no contexto da clínica psicanalítica de casal e família, podendo-se refletir sobre seu uso, especificidades e potencial nas entrevistas iniciais com casais e famílias, por meio de uma vinheta clínica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico-clínico, empreendido por meio da literatura psicanalítica, fazendo-se uso de uma vinheta clínica de um atendimento familiar para ilustrar a aplicabilidade da Linha da Vida em atendimentos a casais e famílias. O caso atendido é proveniente de um projeto de extensão em andamento há 12 anos, cujos atendimentos são realizados em um serviço-escola de uma universidade pública. A responsável pelo núcleo familiar assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que autorizava o uso do material clínico para pesquisa e os dados foram alterados para preservação da identidade dos familiares. Todos os terapeutas do projeto de extensão são colaboradores, capacitados para tais intervenções seja por meio da apropriação da literatura acerca da temática, da participação em supervisões grupais e eventualmente em cursos de extensão e vivências práticas.

3 LINHA DA VIDA E PSICOLOGIA: BREVE LEVANTAMENTO

A Linha da Vida, por se configurar como uma via para representar os principais marcos da vida, pode ser realizada seguindo uma cronologia do nascimento até o momento presente (González-Monteagudo, 2020). Ao se observar a Linha da Vida em sua relação com a Psicologia, aponta-se para algumas ilustrações de seu uso, como: em uma perspectiva sistêmica pode ser considerada como uma via para documentação de processos familiares, identificando vivências positivas ou negativas e como puderam ser superadas (Pinheiro-Carozzo, 2020); no contexto da saúde para avaliar o desenvolvimento familiar, correlacionar acontecimentos a patologias, favorecendo um entendimento do processo de saúde e doença (Fonseca *et al.*, 2022); em intervenções grupais com adolescentes, solicitando que representassem momentos marcantes e indicassem emoções associadas aos eventos em questão (Freitas; Menezes, 2024).

A Linha da Vida pode ser realizada de forma bidimensional, utilizando lápis, canetas, giz e materiais gráficos similares sendo delineada em papel sulfite, cartolina e afins. Contudo, dependendo do objetivo a partir do qual tal atividade é utilizada, outros materiais e consígnas podem ser empregados. Neste sentido, Valladares-Torres e Santiago (2020) propõem que a Linha da Vida represente passado e presente usando fios coloridos colados em cartolinas coloridas. Philippini (2009) pensa no uso da fotografia para recuperação da memória, com a Linha da Vida sendo registrada por meio das imagens, registrando situações significativas. Serpeloni *et al.* (2023) discorrem sobre o uso da Linha da Vida após a entrevista diagnóstica,

com o intuito de que fosse possível ilustrar os picos emocionais da vida do indivíduo em atendimento, seguindo ordem cronológica. Disponibilizam recursos como corda para simbolizar o curso da vida, flores para as vivências positivas, pedras para os acontecimentos negativos e gravetos para aquilo que é percebido de forma ambivalente, com o tamanho do item simbolizando a gravidade do acontecimento.

Sei (2021b) aponta para o uso de histórias que discorrem sobre o percurso da vida como disparadoras para que o paciente reflita e elabore sua própria Linha da Vida. Pontua, igualmente, que as imagens bidimensionais podem passar por uma transposição de linguagem, sendo transformadas em objetos como mandalas, inspiradas na imagem inicial e confeccionadas com fios e lãs. Quanto ao uso da Linha da Vida no atendimento de casais e famílias, Sei (2021b) argumenta que, quando cada familiar realiza a sua própria Linha da Vida na sessão, é possível comparar a visão de cada um acerca do mesmo acontecimento que vivenciaram juntos, como, por exemplo, o nascimento dos filhos. Assim, um pode dar um destaque maior para um acontecimento, enquanto outro pode esquecer-se de demarcar tal fato.

A partir de um breve levantamento da literatura, observa-se que a Linha da Vida pode ser proposta de forma mais objetiva, necessariamente seguindo uma cronologia, buscando associação de eventos e doenças. Por outro lado, há situações nas quais tem-se uma abertura para uma representação mais livre e criativa das vivências entendidas como marcantes. O feliz e o triste, as mudanças e o novo permeiam o viver e é relevante que isto possa ser incluído na Linha da Vida. Entende-se que frequentemente não se deseja lembrar, falar, retomar os desencontros, o sofrimento, aquilo que quer ser esquecido. Mas a terapia se configura como o lugar para colocar luz neste tipo de material, para que ele possa ser elaborado, digerido.

Serpeloni *et al.* (2023) indicam especificamente os itens que devem ser usados para representar eventos de caráter ambivalente e outros considerados efetivamente negativos. Philippini (2009) indica o uso de fotografias, sendo interessante refletir que, no passado, em decorrência de seu alto custo, as fotografias serviam para registrar momentos como aniversários, casamentos, festas e similares. Questiona-se, em tais casos, se haveria registros dos momentos ruins da vida, lembrando-se que há intervenções terapêuticas que almejam centrar-se em situações supostamente mais positivas, seja pelo caráter pontual, como uma oficina, seja pelo público trabalhado, como idosos, não cabendo tanto um aprofundamento em certas dores e sim na lembrança do que foi alegre.

4 LINHA DA VIDA COM CASAIS E FAMÍLIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO

A clínica psicanalítica de casais e famílias tem algumas especificidades ao se comparar com atendimentos individuais, haja vista contar com mais de um paciente na sessão, ou com os atendimentos grupais tradicionais, já que os pacientes têm uma história prévia, anterior ao início da terapia. Além disso, ao se considerar o referencial psicanalítico, pode-se pensar na valorização dada aos conteúdos que emergem espontaneamente, por meio da associação livre. Neste sentido, quanto ao uso de atividades como a Linha da Vida em sessão, acredita-se que a proposta deva ser feita da forma mais livre quanto for possível. Assim, no atendimento que aqui será relatado eram ofertados papel sulfite, cartolina, materiais gráficos como lápis grafite, lápis de cor, giz de cera e canetas.

No projeto de extensão quando atendem-se casais, estimula-se que cada um faça sua própria Linha da Vida, sendo possível comparar como cada um destaca o tempo em que já estavam juntos, como marcaram os acontecimentos similares. Já com famílias, deixa-se mais livre, sendo possível que cada familiar delineie sua própria linha ou que eles optem por fazer uma única linha, conjuntamente. Quando questionado, é-lhes dito que podem fazer como desejarem.

6

4.1 A LINHA ENTRE A VIDA E A MORTE

É a segunda sessão do terapeuta com a família composta por Júlia (40 anos) que é mãe-solo de Juliana (9 anos) e Victória (6 anos). Ela acontece após uma entrevista de triagem marcada por um caos que reflete a desorganização do vínculo familiar, assim como um jogo de culpabilização de quem “é o problema” (sic), em que ambas as meninas lutam para não ocupar a posição de paciente identificado, pelo menos não quietas. Estabeleceu-se pela mais nova que a expectativa para a terapia era “pra gente viver” (sic), somado a um desejo das três de melhor conviver, de forma menos conturbada.

A sessão se inicia com 10 minutos de atraso, ao que a mãe relata dificuldade em acordar as meninas para o horário no fim da tarde. A sala estava disposta com uma longa mesa com uma cadeira de um lado e três do outro, e estava escrito na lousa o nome da atividade “Linha da Vida”. Quando as três se sentam, propõe-se a linha como forma de conhecer as histórias da família até então. É disponibilizada uma cartolina e materiais gráficos e as meninas

já correm para escrever seus nomes na cartolina, mesmo sem o terapeuta terminar de explicar a proposta. Antes de começarem a atividade, a mãe faz um parênteses, diz que refletindo sobre a última sessão passou a perceber o quanto Juliana fala de Victória, e disse que talvez haja um ciúme entre elas que ela nunca havia pensado. Pergunta-se às meninas e ambas negam. Há a percepção de que a mãe sempre tenta fazer falas endereçadas ao terapeuta como “o outro adulto”, como se as meninas, especialmente Juliana, não estivessem presentes. Estabelece-se uma dinâmica do outro adulto ter de levar a mensagem às crianças, e propiciar que falem e sejam ouvidas.

Juliana diz que a mãe deveria desenhar um cavalo, e justifica que é porque a mãe não sabe desenhar um cavalo. A mãe não responde e ela então diz que vai desenhar Victória num cavalo. A mãe protesta, dizendo que ela deveria fazer a atividade junto, pois é parte da família. A menina não dá ouvidos e começa a desenhar sozinha no canto da cartolina. Júlia fica em pé e guia a escrita, enquanto Victória se prontifica a desenhar os acontecimentos descritos pela mãe embaixo dos pontos estabelecidos na linha. Observa-se como Juliana, depositária do problema familiar, exclui-se da escrita da história de sua família. Seria ato de rebeldia contra a atividade, ou um não se sentir pertencente à família?

O ponto de partida escolhido foi “Mãe nasceu” (sic) e ela então pergunta se deveria colocar a infância dela, e responde-se para que coloquem tudo que lhes parecesse importante, pois não havia um certo ou errado. Victória desenha um bebê e um cordão umbilical. A mãe estranha e a menina então confirma o que é, “aquilo que alimenta o bebê” (sic). Pensa-se na escolha em representar aquilo que une o bebê a sua mãe, especialmente devido ao reflexo do forte conluio entre Júlia e Victória no próprio desenvolvimento da atividade. A mãe então pontua “Começou a escola” (sic), e então “Entrou num time esportivo” (sic). Pergunta-se à mãe como era a escola e ela diz que poderia ter sido melhor, e sobre o esporte praticado ela diz ter jogado em alguns times amadores, que gostava muito, mas nunca ter ido para frente como carreira. Pergunta-se às crianças se elas gostam de esporte e Juliana diz que não, não gosta de nenhum, pois são chatos. Victória afirma gostar de todos, ao que então Juliana volta atrás e sinaliza que gosta de praticar uma luta. Percebe-se no vínculo fraterno uma disputa pelo amor da mãe, por meio de um jogo de identificações entre os gostos dela nos esportes, roupas e cores do desenho.

Júlia então escreve “Primeira briga com a mãe, fui morar c/ a avó” (sic) e depois conta sobre: diz que como filha mais velha, sua mãe a colocara na posição de ser sempre a “problemática” (sic) a que “estragava tudo” (sic), e sempre questionava seus relacionamentos

como uma tentativa de “fazer confusão” (sic). Aponta que isso teria se intensificado em sua menarca, que sua mãe teria entendido que significava que ela teria tido relação sexual aos 12 anos. Nisso, após uma grande briga, Júlia teria fugido de casa e ido morar com a avó. Então, sua irmã do meio passou a carregar então o fardo de “problemática” (sic) até sair de casa e passar tal papel para a irmã mais nova. Para representar isso, Victoria diz que vai desenhar uma briga, e vai desenhar sua avó como gorda e a mãe magra. O terapeuta questiona o porquê da escolha. A mãe reforça a pergunta com “você acha que ser gorda é ruim e ser magro é bom?” (sic) e Victoria diz que sim, que quem é gordo “come demais” (sic), característica que foi atribuída a ela por Juliana na sessão anterior. A mãe soa desapontada, mas segue, e indica que depois vão conversar melhor sobre isso. A posição de “problemática” parece ser antiga na história familiar, é fardo hereditário, alguém há de ocupá-la e então sair da família, não sem cicatrizes.

Enquanto isso, Juliana faz seus desenhos no canto da folha. Múltiplas vezes sua mãe e irmã lhe chamam a atenção e pedem para que ela participe, mas ela diz que não quer, quer desenhar apenas Victoria, pois “nem sei o que aconteceu, eu nem era viva” (sic). O terapeuta pergunta então se a partir do seu nascimento ela não gostaria de participar, e isso fica acordado entre elas. A mais velha participa de algumas conversas, mas sua mãe e irmã não dão bola quando ela quer falar de seus desenhos, apenas chamam atenção dela por “estar atrapalhando” (sic). Nesses momentos, tenta-se fazer sempre uma mediação, inclui-la na conversa, investir e perguntar de seus desenhos, que carregam materiais das falas delas, como um buquê de flores do próximo assunto. Entretanto, sempre que perguntada sobre, pontua que está desenhando “para a Victoria” (sic), e nada mais.

A mãe fala então de ter se casado e mudado para o exterior, mas apenas dá detalhes quando perguntada. Diz então ter se casado com um namorado tatuador, e ele ter “topado o sonho dela de morar em outro país” (sic). Juliana faz uma cara de imensa surpresa ao ouvir o nome do namorado. Quando questionada o porquê, a mãe indica que elas provavelmente já ouviram sobre isso do pai, pois ele sempre teve ciúmes desse relacionamento. O terapeuta questiona Juliana se foi isso, se ela já tinha ouvido esse nome antes e ela nega, mas dá risada. Júlia continua a contar que esse relacionamento logo deu errado, pois eles eram “mais amigos do que outra coisa” (sic). Victoria então desenha uma Júlia grande e de cabelos longos. Pergunto se mamãe já teve esses cabelos e ela diz sorridente que sim, mas mãe nega um dia ter sido daquela forma. A mãe coloca então que eles voltaram para o Brasil e se divorciaram, pois Júlia descobre que ele a estaria traindo desde quando moravam no exterior. Júlia então expressa “mas

como a gente desenha a separação?” (sic). Victoria informa que não sabe, e começa a desenhar Julia. O terapeuta pontua que parece que é bem difícil representar uma separação, e ecoa a pergunta de como ela pode fazer isso. A mãe então diz que a menina precisa desenhar um avião. Pergunta se ela sabe fazer isso e ela confirma. Victoria então faz o ex do outro lado desse avião, e a mãe aponta que “é uma boa forma de representar isso” (sic). Pergunta-se, então, se separar associa-se ao estar longe, mas sem se obter resposta.

A mãe escreve o próximo ponto, que é entrar em uma universidade. Discorre sobre seu curso e pede para Victoria “desenhar uns livros aí” (sic). A menina representa uma pessoa lendo. Ambas começam a discutir onde continuariam a linha, visto que Juliana ocupara a parte de baixo com seus desenhos. Diz-se que elas podem continuar do outro lado da folha. Juliana pergunta se o terapeuta poderia pegar um outro papel para que ela desenhasse Victoria num cavalo e responde-se que, caso precisasse de mais espaço para a linha, o terapeuta pegaria uma nova folha. A mãe sinaliza o nascimento de Juliana e a menina já se coloca a desenhar. Há uma mudança na configuração da sala: Júlia se senta, e as meninas trocam de lugar. O terapeuta comenta sobre o salto de tempo e pergunta se não há nada de importante antes disso. A mãe fala que, de fato, pulou uma parte: voltando de um país estrangeiro ela e o ex-namorado se separaram, mas continuaram amigos e ela, então, conheceu o pai das meninas que tinha muito ciúme desse ex. Argumenta que “aprendi que é melhor não falar sobre ex com atual, sempre acham que eu sinto alguma coisa por ele” (sic). Questiona-se o que quis dizer com aquela fala e ela indica que “é porque eu falo das coisas boas sempre com emoção (...) então é melhor nem falar”. Comenta-se que Juliana desenhou uma cama bem grande para ela, e ela indica que é a cama da mamãe. Júlia solicita que ela não use canetinha para pintar, pois atravessa o papel e Juliana continua, dizendo que precisa ficar “bem colorido como era” (sic). A mãe então fala que não era assim, e que ela não dormia em sua cama, e sim em seu berço.

Decidem por continuar o desenho no verso da página, e a mãe então pergunta para as meninas o que elas acham que havia acontecido de importante. Juliana pontua que “teve aquela vez que o tio me usou pra furar fila pro sorvete” (sic), e então Júlia conta a história, em que seu irmão “usou” Juliana enquanto bebê de colo para furar a fila preferencial. O terapeuta aponta que em repetição a primeira sessão novamente se abordava o assunto comida, e questiona qual o prato favorito de cada uma. Victoria diz que “todos” (sic) e questiona-se a repetição dessa fala, perguntando se não tem nada que ela não goste. Ela sorri e diz que não gosta de algumas verduras. O terapeuta aponta que “parece que não é tudo que você gosta então! Eu não gosto de carne, sabia? E tá tudo bem não gostar de tudo” (sic). Pergunta então a Juliana qual seu prato

favorito e diz que nhoque. Questiona-se quem cozinha em casa e ela informa que é a mãe. O terapeuta indaga se ela lhe faz nhoque, e ela alega que não. Júlia comenta que, quando tem congelado, ela faz, mas não gosta muito de cozinhar, pois não cozinha bem. Victória diz que ela faz algumas coisas muito boas, e comenta de uma torta, e pede para que a mãe a prepare o jantar. Ela argumenta que naquele dia não daria mais, entristecendo-a. A mãe então marca a “primeira viagem de avião de Juliana” (sic) e sinaliza que eles ficaram na casa de umas tias. Juliana desenha então um avião e fala “vou desenhar papai dirigindo” (sic). A mãe corrige que “seu pai não estava dirigindo, e o correto é pilotar, e cadê eu? Cadê você?” (sic). A menina desenha então as duas bem pequenas. Victória pontua que quer desenhar também, e a mãe fala que naquele momento era a vez da irmã. Percebe-se um clima de agressividade ao abordar a presença ou ausência da figura paterna, que é proposta de certa forma pelas falas e desenhos da mais velha.

Escreve-se a mudança para outra cidade, mas elas não sabem o que desenhar. O terapeuta questiona qual a coisa favorita delas daquela cidade, e Juliana fala “já sei!” (sic), tira um vidrinho do bolso, e fala “meu suquinho!” (sic). Pergunta-se do que é o suco, e as meninas corrigem. Não era um suco, era um gloss de cereja que havia sido presente de seu pai. A menina começa a desenhar e, quando o terapeuta pergunta qual era a história desse gloss, a mãe corta o assunto dizendo “isso é sua coisa favorita [da cidade?]” (sic). A menina responde um “achava que era só pra desenhar minha coisa favorita” (sic), e elas ficam num desentendimento. A mãe novamente a reprime por pintar de canetinha, de maneira que a menina para de desenhar e volta a sentar onde estava antes, se distanciando das demais. Abordar e representar um presente do pai gera uma revolta, que culmina num afastamento, sendo possível questionar se parte dos conteúdos negativos depositados na filha mais nova teria relação justamente com a posição paterna. A mãe pontua que não sabe o que escrever depois. Menciona a morte da avó, e ela e Victória ficam pensando o que poderia ser desenhado, com a irmã caçula querendo desenhar logo seu nascimento.

Pouco depois, Juliana se levanta e vai até a lousa, apaga o “da Vida”, e volta a dizer que quer desenhar Victória num cavalo. A mãe diz que agora elas têm que desenhar a Linha da Vida, que é algo que elas têm de fazer juntas, como família. Juliana começa então a brincar de correr pela sala, se jogando nas paredes. O terapeuta olha a mãe, e ela indica que não sabe como reagir, e se coloca a ignorar a filha mais velha. Ela escreve na cartolina a morte de sua avó e depois o nascimento de Victória, e depois um “voltamos para [a cidade]” (sic), seguido da fala de “esqueci de marcar a ida pra [cidade] antes [...] a gente fez tantas idas e voltas que eu me

perco” (sic). Supõe-se que as idas e vindas, como são marcadas por limites, separações e mortes, dificilmente podem ser representadas simbolicamente no papel. Juliana os encena vivendo em ato, de maneira agressiva e descontrolada.

Victória se coloca a desenhar todos os acontecimentos, começando por seu nascimento: faz a si num berço, com o cordão umbilical ligado à sua mãe. Pergunta-se quanto a esse detalhe, que parece que é importante para ela, e ela confirma dizendo que é um cordão umbilical. O terapeuta questiona onde ela teria ouvido essa palavra tão difícil, e ela não sabe dizer. Ela começa a desenhar um sol também, e é questionada “nossa eu achava que você tinha nascido de madrugada... você gostaria que tivesse sido dessa forma? (sic), se referindo a um dado da triagem de que o nascimento da mais velha foi de dia, cercado de familiares, enquanto o dela à noite sem festa. Ela fala “é verdade né...” (sic) com um sorriso sapeca, e começa a desenhar um céu noturno por cima. Se coloca depois a desenhar a volta para a cidade, com um desenho grande da mãe, mas então diz que não sabe desenhar a morte da avó.

A brincadeira de Victória de se jogar nas paredes se intensifica e outros três começam a observar. O terapeuta pergunta à mãe se ela já havia feito isso antes, e ela diz que não, que é a primeira vez. Pergunta então o que ela faz em casa quando as meninas não se comportam, e ela informa que grita com elas, e é isso que ela quer evitar. A mãe chama a menina para perto e pergunta se está tudo bem, e se ela não quer um abraço. Juliana responde que está “matando energia para conseguir dormir” (sic). O terapeuta sinaliza que, para quem estava com muito sono, ela parecia bem animada mesmo. Comenta que parecia que era bem difícil falar da história da sua família, e que isso parecia ter mexido com ela. Ela não responde, mas volta à mesa, e começa a complementar seus desenhos anteriores, colorindo com canetinha e recebendo mais uma bronca da mãe. Júlia comenta que ainda tem coisas a serem desenhadas, mas as meninas não dão bola, cada uma das filhas complementando seus desenhos anteriores. Se a fala interpretativa acalma Juliana e propicia seu retorno à atividade, o ambiente ao qual retorna não lhe é convidativo e não a integra, como se não houvesse espaço para ela.

Ela mesma desenha então a ida para a cidade: representa as três, mas destaca-se que a mais nova não havia nascido ainda. Ela então fala com Victória o quão difícil é desenhar uma morte, e o terapeuta aponta que assim como uma separação isso parece ser algo bem difícil de representar para elas. A mais nova dá a ideia de fazer um caixão, e a mãe adere, diz que nosso tempo deve estar acabando e que ainda faltam muitas coisas. Começa então a escrever vários pontos, sem nem falar com as meninas ou explicá-los ao outro adulto. Juliana então começa a riscar a folha, e fazer pontos em cima dos outros desenhos, como se estivesse os grafitando.

Victória chama a atenção dela, e a mais velha em resposta risca seu nascimento. A mais nova revida riscando o desenho de seu pai no avião, e Victória faz cara de choro, e começa a riscar a folha toda, rasurando todos os desenhos. A mãe protesta dizendo que “ele precisa dessa folha pra avaliar a gente, ele vai achar que nossa família é uma bagunça” (sic), e Juliana responde “mas é isso mesmo que eu to desenhando” (sic). O terapeuta questiona se a intenção dela é representar todo o caos familiar, e ela fala “é isso mesmo! Eu sou uma gênio!” (sic). Pergunta-se se ela gosta desse caos, se ela não sofre com ele. A menina responde que sofre sim, que gostaria que fosse diferente. O terapeuta aponta como parece que esse caos é importante para ela, visto a insistência nele, e que esse espaço é para ela também, para poder falar “disso tudo” (sic). Júlia concorda, e argumenta que é “para que elas possam resolver tudo, pois eu já não sei mais o que fazer, e não quero mais brigar com vocês” (sic).

Devido ao horário, o terapeuta pede para encerrar a sessão, e pede ajuda das três para guardar os materiais utilizados. As meninas protestam, querem continuar a desenhar na cartolina. A mãe as repreende por terem estragado a ponta de uma canetinha e quebrado um giz, e fala com voz de vergonha que outros amiguinhos vão usar o material, mas as filhas não dão bola. A mãe e Victória organizam tudo, Juliana ajuda um pouco, mas tenta roubar uma caneta que estava próxima ao terapeuta para continuar desenhando. O terapeuta sorri para ela, marcando que viu a tentativa. Então, enrola e guarda a cartolina, dizendo que teriam outras oportunidades para desenhar. Júlia fala envergonhada que as meninas se comportaram mal, e que elas não conseguiram terminar a tarefa, como se fosse ser julgada pelo outro adulto. Este apenas sorri, e diz que as verá na semana seguinte, as acompanha até a porta, e se despede.

12

4.3 DISCUSSÃO

O uso que o projeto de extensão faz da Linha da Vida traz muitas similaridades ao que é descrito nas literaturas levantadas anteriormente, conservando o aspecto comum de ser uma construção e representação da história do paciente, que ilustra um passado como descrito hoje, delimitado por meio de uma linha do tempo que pode contar com marcos positivos e negativos. O que difere seu uso específico na Clínica Psicanalítica de Casal e Família é a consideração de que o paciente em questão é(são) o(s) vínculo(s) que se apresenta(m) no *setting* clínico, que será abordado e trabalhado pela perspectiva da psicanálise, priorizando a associação livre e demais técnicas próprias ao atendimento vincular, configurando-se como atividade mediadora (Dominicis, 2019). Ao longo da atividade realizada com a família, construiu-se uma trajetória

entre o nascimento da mãe do núcleo familiar até o presente momento, em que se marcaram e discutiram diversos momentos positivos e negativos da história do núcleo de forma acessível para todos, possibilitando a criação de espaço em que fosse possível uma exploração e discussão conjunta, apesar das diferenças etárias entre as familiares e o terapeuta. A possibilidade de se utilizar do lúdico do desenho para se comunicar, operando como linguagem “universal”, é de grande valor, e tornam as atividades mediadoras importantes recursos para utilização na terapia vincular, especialmente quando há significativas diferenças etárias (Manicom; Boronska, 2003).

Observa-se como as três puderam representar como compreendem esses acontecimentos, e como a produção serviu de disparador para a discussão se estes puderam ser superados e integrados de maneira coesa ao campo da produção de uma história da família, ou não. Como exemplo de destaque há a morte da avó e a separação do pai das crianças, em que prevaleceu uma dificuldade em representar no papel esses fatos, assim como disparou a reminiscência de diversos afetos negativos ligados a tais momentos, que desencadearam o ato descontrolado da filha do meio de se jogar nas paredes da sala. São diversas as possíveis leituras a partir de um olhar psicanalítico sobre estes dois momentos em específicos, podendo ser pensados como vivências atravessadas por traumas e pela exigência de um processo de luto, tanto da perda real da avó quanto simbólica do tempo e de vínculos pré-separação. A família parece estar em desequilíbrio, incapaz de se fixar em um tempo e espaço presente para, então, possibilitar a construção de novos caminhos e representações. Entende-se que parte disso pode ser atribuída à intensa dificuldade ou recusa em experimentar completamente o luto, um se defrontar com a perda e a morte para atravessá-la e poder viver (Adamo, 2021). Atividades artístico-expressivas podem contribuir para uma melhor experiência de luto no *setting* terapêutico, ao facilitar para o terapeuta abordar temática tão delicada de maneira criativa e acolhedora, como discutido em Junqueira (2021).

Outro importante conceito de destaque é como a Linha da Vida enquanto atividade mediadora explicita os diferentes papéis exercidos por cada membro da família, e as representações e afetos ligados a tais posições, assim como sua história (Dominicis, 2019). De maior destaque está o papel de paciente identificado (Sei, 2021a), aquele que é depositário dos conteúdos negativos da família e entendido como problema, numa tentativa dos demais membros de se colocarem como sãos e não como participantes no sofrimento da família. Este papel é desempenhado principalmente pela filha do meio, tida como louca irreparável. Entretanto, observa-se que na família de origem da mãe há a repetição dessa posição: o filho

mais velho briga com a mãe e é expulso de casa, passando o papel adiante até que não sobrem mais filhos. As atividades mediadoras possibilitam que o terapeuta observe essa dinâmica não só pelo que aparece ou não no desenho, mas também em como a família se organiza para a tarefa: Julia toma frente e guia a atividade verbalmente, enquanto Victória a auxilia desenhando e justificando o que ela coloca, enquanto Juliana fica excluída, quando participa é alvo de críticas, quando nervosa se joga nas paredes.

Entende-se que os vínculos entre irmãs e entre mãe e filha foram representados na atividade, e que esta forneceu muito material para compreensão do caso e interpretação do terapeuta. As breves análises aqui realizadas são superficiais frente à riqueza do conteúdo inconsciente que atravessa esses vínculos, que pode ser entendido por diferentes óticas. Argumenta-se que, a despeito disso, a Linha da Vida é uma atividade pouco explorada nos mais diversos contextos psicanalíticos que ela pode beneficiar, e que novos estudos podem fornecer mais profunda compreensão dessa ferramenta clínica, fortalecendo assim seu uso.

5 CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a investigar o uso da Linha da Vida no contexto das entrevistas iniciais de atendimento psicanalítico com casais e famílias, evidenciando o valor desse recurso artístico-expressivo que, além de sua função cronológica, facilita o acesso ao material inconsciente que estrutura a história familiar. A partir da vinheta clínica apresentada, observa-se que a Linha da Vida não apenas proporciona uma representação visual e afetiva dos principais eventos na trajetória de cada familiar, mas também favorece o surgimento de narrativas compartilhadas, trazendo à tona conteúdos inconscientes do grupo. Desse modo, o profissional obtém um olhar mais apurado sobre os vínculos estabelecidos, captando nuances das relações entre os familiares e acessando conteúdos latentes que frequentemente escapam à fala.

Em sua aplicação, a Linha da Vida tem se mostrado um meio significativo para a expressão de afetos e memórias, ampliando o campo das associações livres e enriquecendo a escuta das complexas interações familiares. Considerando essas contribuições, conclui-se que a técnica apresentada possui notável potencial terapêutico, oferecendo ao terapeuta uma ferramenta facilitadora para acessar e trabalhar conteúdos difíceis de serem verbalizados. Em vista dessas contribuições, torna-se essencial que estudos futuros aprofundem sua aplicabilidade e nuances, consolidando a Linha da Vida como um recurso valioso no campo da

psicanálise com casais e famílias.

REFERÊNCIAS

ADAMO, Vera L. C. Lamanno. Lutos familiares. *In*: BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. (orgs). **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 327-330.

BLAY-LEVISKY, Ruth. Psicanálise vincular. *In*: BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. (orgs). **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 439-444.

CARNAUBA, Luciane Cristina de Oliveira; SEI, Maíra Bonafé. A família e o psicodiagnóstico interventivo infantil: um estudo de caso. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 44, n. 106, p. 72-79, 2024.

DIAS, Maria Luiza. Família. *In*: BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. (orgs). **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 198-203.

DOMINICIS, Gislaine Varela Mayo De. Técnicas mediadoras em psicoterapia de casal e família. *In*: KERBAUY, Renata; BARTILOTTI, Márcia Barone; DOMINICIS, Gislaine Varela Mayo De (Orgs). **Laços possíveis: experiências clínicas com casais e famílias**. São Paulo: Aller Editora, 2019. p. 243-254.

FONSECA, Ana Laura Cordelier Pinheiro *et al.* Uso de ferramentas na prática clínica para abordagem familiar no contexto biopsicossocial nas unidades básicas de saúde da família. *In*: **Congresso Brasileiro de Ciências e Saberes Multidisciplinares**. 2022. p. 1-8.

FRANCO, Ricardo da Silva; SEI, Maíra Bonafé. O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. **Gerais: revista interinstitucional de psicologia**, v. 8, n. 2, p. 399-414, 2015.

FREITAS, Camilla Correia; MENEZES, Marcella Correia. Aplicação da ferramenta técnica “Linha da Vida”: Um levantamento das emoções mais frequentes no desenvolvimento do sujeito na adolescência. **Semana de Extensão-SEMEX**, v. 2, n. 2, 2024.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José. Técnicas biográficas para a Educação de Jovens e Adultos.: Para uma formação experiencial e crítica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 8, p. 1-22, 2020.

JUNQUEIRA, Fabíola Mancilha. **Arteterapia e luto: uma revisão integrativa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021.

MACHADO, Rebeca Nonato; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Demanda clínica em psicoterapia de família: Arte-Diagnóstico Familiar como instrumento facilitador. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, n. 41, p. 555–566, set. 2008.

MACHADO, Rebeca Nonato; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Entrevistas preliminares em psicoterapia de família: construção da demanda compartilhada. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 11, n. 2, p. 669-699, 2011.

MANICOM, Hilary; BORONSKA, Teresa. Co-creating change within a child protection system: integrating art therapy with family therapy practice. **Journal of Family Therapy**, v. 25, n. 3, p. 217-232, ago. 2003.

PHILIPPINI, Angela. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia**: uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

PINHEIRO-CAROZZO, Nádia P. *et al.* Intervenções familiares para prevenir comportamentos de risco na adolescência: possibilidades a partir da Teoria Familiar Sistêmica. **Pensando famílias**, v. 24, n. 1, p. 207-223, 2020.

RAMOS, Magdalena. **Introdução à terapia familiar**. São Paulo: Claridade, 2006.

RAMOS, Magdalena. Reflexões sobre o início do atendimento a casais e famílias. *In*: PENNACCHI, Rosely; THORSTENSEN, Sonia (Orgs.). **Psicanálise de casal e família**: Uma introdução. São Paulo: Blucher, 2022. p. 43-65

SANCHES, Maria Gabriela Montresol; SEI, Maíra Bonafé. O espaçograma como recurso facilitador na compreensão da dinâmica familiar incestuosa: estudo de casos. *In*: CARVALHAES, Flávia Fernandes; SEI, Maíra Bonafé; SILVA, Rafael Bianchi. **Pesquisa em Psicologia**: traçados iniciais. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2020. p. 79-99.

16

SEI, Maíra Bonafé. Arteterapia com famílias: caminhos de intervenção. *In*: TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. (Org.). **Diálogos na Unipaz 2020**: com Sonia Tommasi. v. III. Goiás: Unipaz Goiás, 2021b. p. 10-18.

SEI, Maíra Bonafé. Paciente identificado / porta-voz / porta-sintoma. *In*: BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. (orgs). **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021a. p. 377-379.

SERPELONI, Fernanda *et al.* Terapia de exposição narrativa para o tratamento do transtorno de estresse pós-traumático com pessoas que passaram por violência doméstica e comunitária: estudo de série de casos em dois centros de saúde no Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 1619-1630, 2023.

TRINCA, Walter. (Org.) **Formas lúdicas de investigação em psicologia**: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. São Paulo: Vetor, 2020.

VALLADARES-TORRES, Ana Claudia Afonso; SANTIAGO, Elizabete Cristina de Lira. Arteterapia com grupo de mulheres em sofrimento mental relacionado ao uso abusivo de substâncias psicoativas. *In*: BARBOSA, Frederico Celestino (Org.). **Ciências da Saúde**: uma abordagem pluralista. Piracanjuba: Editora Conhecimento Livre, 2020. p.122-147.